

O LUTO INVISÍVEL: EFEITOS DO DIAGNÓSTICO DE TEA NA PARENTALIDADE E NOS VÍNCULOS AFETIVOS

Camila Carla Dantas Soares

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ilana Jozi Pereira Dutra

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Caroline Medeiros Rodrigues e Silva

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

Ismael Victor Araújo de Oliveira

Professor(a) na Faculdade Caicoense Santa Terezinha – FCST

RESUMO: O presente artigo analisa a vivência do luto simbólico por parte dos pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus efeitos sobre o cuidado e o vínculo parental. A partir da análise de estudos teóricos e empíricos, observou-se que o diagnóstico de TEA representa uma ruptura significativa nas expectativas familiares, levando os pais, especialmente as mães, a experimentar sentimentos de tristeza, culpa, frustração e afastamento afetivo da criança. Tais manifestações compõem um luto simbólico que, quando não acolhido, compromete a capacidade de cuidado sensível e a construção de vínculos afetivos. Em contrapartida, o suporte emocional oferecido por profissionais e redes de apoio pode favorecer a resignificação dessa experiência, promovendo um vínculo mais realista e empático. O artigo conclui pela necessidade de que os serviços de saúde, educação e assistência social reconheçam e acolham esse luto como parte legítima da experiência parental, garantindo suporte integral às famílias.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Luto simbólico. Parentalidade. Vínculo. Cuidado.

1. INTRODUÇÃO

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma criança marca uma ruptura significativa nas expectativas parentais em relação ao desenvolvimento, ao futuro e ao ideal de maternidade ou paternidade previamente construído. Ainda que o diagnóstico traga consigo possibilidades de intervenção precoce e caminhos para o cuidado, ele também convoca os pais – especialmente as mães – a uma reorganização profunda de suas representações internas sobre a criança, sobre si mesmos como cuidadores e sobre o próprio projeto de vida familiar.

Diversos estudos apontam que esse processo envolve, de forma não linear, a vivência de um luto simbólico: não pela perda real da criança, mas pela perda do filho idealizado, das fantasias de desenvolvimento típico, da projeção de uma trajetória esperada. Como descreve Kübler-Ross (1994), esse luto pode se manifestar em formas variadas, como negação, raiva, tristeza e negociação, interferindo nas emoções, no vínculo e na capacidade de cuidado dos pais, sobretudo nas fases iniciais após o diagnóstico.

A ausência de acolhimento profissional adequado durante esse processo pode intensificar sentimentos de culpa, fracasso e solidão, afetando diretamente a construção do vínculo com a criança e a disposição dos pais para se engajar no cuidado. Em contrapartida, quando o luto é reconhecido e legitimado, é possível favorecer um movimento de elaboração e reconstrução de vínculos mais reais e afetivamente sustentáveis, como mostram estudos recentes (Maia et al., 2016; Pimenta et al., 2020).

Neste artigo, pretende-se analisar em que medida os pais passam por um processo de luto simbólico após o diagnóstico de TEA e como esse processo interfere em sua capacidade de cuidado e no vínculo estabelecido com a criança. A partir de uma revisão e análise crítica da literatura, discute-se a importância de reconhecer o luto como parte legítima da experiência parental, bem como a necessidade de oferecer suporte emocional qualificado nesse percurso.

A estrutura do texto está dividida em cinco seções, incluindo esta introdução. A segunda seção discute o conceito de luto simbólico e sua relação com o diagnóstico de condições crônicas na infância. A terceira apresenta uma análise de estudos que abordam as manifestações do luto entre pais de crianças com TEA. A quarta seção discute os impactos desse processo no cuidado e no vínculo, à luz da teoria e da prática. Por fim, a quinta seção traz as considerações finais e sugestões para profissionais e políticas públicas.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O conceito de luto simbólico

O luto, tradicionalmente associado à perda de pessoas queridas por morte, também se manifesta em situações de perdas subjetivas e simbólicas, como rupturas de

expectativas, projetos de vida ou ideais internalizados. Neste sentido, o luto simbólico refere-se à dor psíquica provocada por uma perda não material, frequentemente invisibilizada socialmente, mas com efeitos reais sobre a vida emocional de quem a vivencia (Kubler-Ross, 1994; Birman, 2001).

Ao contrário do luto convencional, o luto simbólico não possui um marco ritualizado de encerramento. Ele se instala de maneira difusa e contínua, atravessando experiências como divórcio, infertilidade, adoção, diagnóstico de doenças crônicas e, particularmente, a descoberta de uma condição atípica em um filho. Em muitos desses casos, a sociedade espera resiliência imediata dos pais, sem reconhecer o processo de perda que os atravessa, o que pode levar à culpabilização e ao silenciamento emocional (Andrade et al., 2020).

2.2 O luto dos pais frente ao diagnóstico de TEA

O diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista em uma criança é frequentemente descrito como um evento que desorganiza profundamente o imaginário familiar. Pais e mães, ao depararem-se com a confirmação do TEA, vivenciam uma descontinuidade entre a criança esperada e a criança real, o que dá início a um processo de ressignificação de seu papel, de suas expectativas e de sua identidade parental (Maia et al., 2016; Dias et al., 2021).

Muitos pais relatam sentimentos de negação, revolta, tristeza, medo e vergonha – fases que compõem o luto simbólico descrito por Kübler-Ross (1994). Esse luto se manifesta não apenas pela condição da criança em si, mas pela perda de um ideal de normalidade, pela ruptura com expectativas de futuro, e pela percepção de que a vida familiar será marcada por desafios permanentes. Quando esse processo não é acolhido, os pais podem se sentir emocionalmente bloqueados ou afetivamente distantes da criança, o que interfere diretamente no vínculo e na qualidade do cuidado prestado (Silva et al., 2015).

Por outro lado, ao serem apoiados por profissionais sensíveis, familiares compreensivos e redes de apoio efetivas, os pais tendem a desenvolver uma nova forma de vínculo – mais realista, empático e respeitoso à singularidade do filho. Nesse processo, o luto não desaparece, mas é ressignificado, abrindo espaço para a construção de um afeto

possível, ainda que distante do ideal inicialmente projetado (Pereira, 2022; Pimenta et al., 2020).

3. ANÁLISE DOS ESTUDOS

A análise dos estudos selecionados permite observar que o luto simbólico é um fenômeno recorrente entre pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), ainda que muitas vezes não seja nomeado como tal. Esse luto se manifesta em diferentes formas emocionais e impacta tanto o bem-estar psíquico dos pais quanto a qualidade do vínculo com a criança.

3.1 As manifestações emocionais do luto simbólico

Nos estudos de Maia et al. (2016) e Pimenta et al. (2020), são evidenciadas reações iniciais de negação, choque e tristeza profunda após o diagnóstico, seguidas de sentimentos de culpa, raiva e frustração. Muitas mães relataram viver um período de confusão emocional, marcado pela dificuldade de aceitar a nova realidade e reorganizar suas expectativas sobre o futuro do filho. Esse processo, segundo os autores, é intensificado quando o diagnóstico é repentino ou mal comunicado por parte dos profissionais da saúde, sem escuta ou acolhimento emocional.

Além disso, o estudo de Silva et al. (2015) destaca que esse luto é atravessado por sentimentos de solidão e exclusão social. Muitas mães se veem obrigadas a abandonar projetos pessoais, profissionais e sociais para assumir integralmente o cuidado da criança, o que agrava a sensação de perda de identidade e pertencimento. Essa reconfiguração da vida cotidiana amplia a experiência do luto simbólico e dificulta sua elaboração.

3.2 Repercussões no vínculo e na capacidade de cuidado

O luto simbólico, quando não acolhido, interfere diretamente na construção do vínculo entre pais e filhos. O estudo de Pereira (2022) aponta que, durante a fase inicial após o diagnóstico, alguns pais relataram uma sensação de afastamento afetivo em relação à criança, como se estivessem convivendo com alguém desconhecido. Esse estranhamento pode dificultar a empatia, gerar resistência ao engajamento no cuidado e comprometer a qualidade da interação.

Por outro lado, os estudos também mostram que o acolhimento emocional e a escuta qualificada por parte de profissionais, familiares ou grupos de apoio favorecem a elaboração do luto simbólico. Quando os pais têm espaço para expressar suas dores e reformular suas expectativas sem julgamento, eles demonstram maior capacidade de se vincular à criança tal como ela é, desenvolvendo uma parentalidade mais realista, afetiva e responsiva (Dorlivete et al., 2022).

A transição de um vínculo idealizado para um vínculo possível requer tempo, apoio e condições subjetivas e sociais adequadas. Como mostra Dias et al. (2021), a ressignificação da parentalidade é um processo que ocorre gradualmente e depende da qualidade das relações estabelecidas com a rede de apoio e com os profissionais que acompanham a família.

4. DISCUSSÃO

O luto simbólico vivenciado pelos pais de crianças com TEA representa um processo psíquico de extrema relevância, ainda que frequentemente invisibilizado nos atendimentos clínicos, educacionais e sociais. Ao não se tratar de uma perda concreta, esse luto costuma ser deslegitimado por profissionais e pela sociedade, o que contribui para o sofrimento silencioso dos cuidadores e afeta diretamente sua capacidade de vincular-se à criança com presença afetiva, aceitação e sensibilidade.

Conforme aponta Kübler-Ross (1994), o luto simbólico passa por fases semelhantes ao luto tradicional — como negação, raiva, barganha, tristeza e aceitação —, mas sua elaboração depende da possibilidade de nomear e validar a dor. No caso do diagnóstico de TEA, muitos pais, especialmente mães, vivenciam intensamente a frustração do “filho idealizado”, sendo tomados por sentimentos de falha, medo do futuro e dúvida sobre sua competência parental. Como demonstram Maia et al. (2016) e Pereira (2022), essas emoções podem interferir no envolvimento afetivo, reduzindo a espontaneidade do vínculo e tornando o cuidado mais mecânico ou tenso.

A literatura analítica, especialmente os aportes de Winnicott (2006), nos ajuda a compreender que a capacidade de cuidar e de se vincular de forma sensível depende, entre outros fatores, da saúde emocional dos cuidadores. Quando a mãe ou o pai está

emocionalmente sobrecarregado e sem espaço para expressar sua dor, o cuidado pode se tornar uma tarefa exaustiva, com menor disponibilidade para brincar, comunicar e criar um ambiente afetivamente nutridor. Isso é particularmente relevante em casos de crianças com TEA, que exigem um cuidado contínuo e ajustado às suas singularidades comunicacionais e sensoriais.

Nesse sentido, os estudos analisados apontam que o suporte oferecido pelos profissionais no momento do diagnóstico pode ter efeito reparador. Quando os pais são escutados e acolhidos, sem julgamentos, cria-se uma ambiência que favorece a elaboração do luto e a construção de uma nova forma de parentalidade — mais realista, afetiva e ajustada à condição da criança. Já a ausência dessa escuta pode cristalizar sentimentos de rejeição, afastamento ou rigidez no cuidado, prejudicando o vínculo e a saúde mental da família (Silva et al., 2015; Dorlivete et al., 2022).

É necessário, portanto, que os serviços de saúde, educação e assistência social estejam preparados não apenas para fornecer o diagnóstico em termos técnicos, mas também para acolher as reações emocionais que ele suscita. Reconhecer o luto simbólico como parte do processo parental no contexto do autismo é um passo fundamental para garantir intervenções mais humanas, empáticas e eficazes. Isso implica promover espaços de escuta, criar grupos de apoio, oferecer acompanhamento psicológico e formar profissionais capazes de lidar com o sofrimento psíquico das famílias.

A construção do vínculo com a criança após o diagnóstico não é espontânea nem uniforme; ela requer tempo, apoio e condições subjetivas e sociais que favoreçam o acolhimento da dor e a reconstrução da esperança. Como mostram os estudos, quando o luto simbólico é respeitado, ele pode se transformar em caminho de crescimento, empatia e fortalecimento do amor parental.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de luto simbólico vivenciado por pais de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) revela-se como uma experiência subjetiva intensa e determinante para a qualidade do cuidado e do vínculo parental. Trata-se de uma dor legítima, ainda que frequentemente negligenciada pelas instituições e pelos profissionais que acompanham essas famílias. A perda do filho idealizado, das expectativas de um

desenvolvimento típico e de um futuro previamente imaginado abre espaço para uma profunda reorganização psíquica.

A ausência de acolhimento emocional e validação desse luto pode comprometer significativamente a capacidade de cuidado sensível e o estabelecimento de vínculos afetivos saudáveis entre pais e filhos. Em contrapartida, quando os profissionais reconhecem esse processo e oferecem suporte adequado, cria-se a possibilidade de ressignificação da experiência parental e da construção de uma nova forma de vínculo — mais realista, empático e afetivo.

Conclui-se, portanto, que as intervenções com famílias no contexto do diagnóstico de TEA devem ultrapassar os aspectos técnicos e biomédicos, incorporando uma escuta qualificada que legitime a dor e favoreça a elaboração subjetiva do luto simbólico. Apenas assim será possível garantir que o cuidado prestado à criança com autismo esteja sustentado por vínculos fortalecidos e por uma parentalidade afetivamente saudável.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

DIAS, C. L.; COSTA, E. M.; BARBOSA-MEDEIROS, M. R. Qualidade de vida de pais de crianças com transtorno do espectro do autismo. **Comunicando: Ciência da Saúde**, v. 32, n. 2, p. 99-106, 2021.

DORLIVETE, A. A. et al. Dificuldades enfrentadas pelos pais no tratamento de crianças com transtorno do espectro autista. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 9, e11411931568, 2022.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MAIA, F. A. et al. Importância do acolhimento de pais que tiveram diagnóstico do transtorno do espectro do autismo de um filho. **Cadernos de Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 228-234, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201600020282>.

PEREIRA, K. S. B. **O impacto do diagnóstico de perturbação do espectro do autismo nos pais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada, Portugal, 2022.

PIMENTA, E. A. G. et al. Cuidar de crianças com necessidades especiais de saúde: do diagnóstico às demandas de cuidados no domicílio. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 8, p. 58506-58521, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n8-311.

SILVA, J. B. et al. “Padecendo no paraíso”: as dificuldades encontradas pelas mães no cuidado à criança com sofrimento mental. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 3, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5216/ree.v17i3.25632>.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.